A Casa do Infante, onde se encontra instalado o Arquivo Histórico Municipal do Porto, é o local em que investigadores e leitores em geral encontram documentação diversa sobre a cidade e também outros concelhos limítrofes. A VIVA foi conhecer os "bastidores" desta instituição onde trabalham cerca de 70 pessoas, nas mais diversas áreas. Aqui estão depositados valiosos pergaminhos, com mais de oito séculos, mas também

Entre o presente e o passado

fotografias, postais antigos e outros documentos que são recuperados para que a memória do passado permaneça.

Texto: Carla Nogueira
Fotos: Virgínia Ferreira

A maioria dos leitores nunca teve acesso às áreas complementares do Arquivo Histórico Municipal do Porto – a Casa do Infante - e que são responsáveis pela organização e disponibilização da bibliografia e dos documentos ao público. Não são só livros ou publicações sobre o Porto que aqui se encontram, existem igualmente milhares de manuscritos e plantas antigas da cidade que podem ser consultadas. E até que o acesso ao leitor seja uma realidade, há toda uma série de passos e operações que são efectuadas por várias equipas.

Há uma sala de cartografia e desenho onde plantas, fotografias, postais e outros documentos gráficos são catalogados e recuperados. Nos vários pisos que compõem a Casa do Infante existem diversos depósitos. No total há dez salas de depósito, que correspondem a mais de cinco mil metros lineares de prateleiras com documentação. Para que sejam mantidas as boas condições de armazenamento e preservação existe um aparelho – o termo-higrómetro – que controla a temperatura e os índices de humidade relativa. Existem vários documentos antigos, um dos quais, designado de *"Livro Grande"* datado do século XV e composto pelos documentos mais relevantes da época. Tendo em conta o seu valor e antiguidade, não pode ser consultado regularmente na sala da leitura. Como tal, foi todo transcrito para facilitar o trabalho dos leitores. O documento

mais antigo é um pergaminho musical, que provavelmente terá feito parte do arquivo da Sé Catedral do Porto, que remonta ao século XI e que meio século mais tarde foi abandonado, vindo a servir de capa a um livro quinhentista de almotaçaria. Refira-se que muitos destes documentos foram alvo de tratamento no laboratório de restauro deste arquivo. Aliás, qualquer livro antigo que chega à Casa do Infante é desinfestado para prevenir pragas e contaminações. Há uma autoclave, com capacidade para seis metros cúbicos, onde são colocadas as obras para desinfestação, permanecendo aí cerca de um mês. Segue-se depois a limpeza mecânica (com aspiradores) para remoção da sujidade existente. Posteriormente, todas as obras são registadas e descritas a nível de conteúdo, sendo elaborada uma base de dados que facilitará, mais tarde, o acesso dos leitores a esta bibliografia.

Na área de microfilmagem o trabalho consiste em "fotografar" excertos de códices (a pedido dos leitores ou a totalidade deles quando se trata de reprodução sistemática), imagens e postais. Todas as imagens pedidas pelos leitores são digitalizadas, aumentando desse modo a capacidade de resposta deste serviço, uma vez que mais rapidamente é entregue uma que já foi microfilmada. No gabinete de digitalização são feitos dois tipos de serviços, a reprodução de séries documentais provenientes da microfilmagem e a que é feita directamente nos digitalizadores.

Ao Arquivo chegam com regularidade "novos" documentos a necessitar de recuperação urgente. Por exemplo, o departamento acolheu recentemente 25 metros de documentação do Batalhão dos Sapadores do Porto que, entretanto, já foi tratada e instalada.

Mas nem sempre o processo de recuperação é

assim tão simples. Ocorre, por vezes, que o mau estado exija um trabalho de fundo. O que aparentemente parece sem solução, devido às manchas de humidade, fungos e bolores, folhas danificadas, pode no período de um ano ser transformado novamente numa obra manuseável. Trata-se de um processo moroso, mas gratificante. Uma das primeiras fases é a de avaliação do estado de conservação, sendo elaborada uma ficha e respectivo registo fotográfico. Depois segue-se o desmembramento do livro, em que se separam todas as folhas e é dada uma numeração a cada uma delas.
Com a ajuda de um aspirador, pincel e borracha mole é limpa a sujidade superficial, é feito um teste às tintas, para que não haja perda de informação durante o processo de lavagem. Posteriormente segue-se um tratamento aquoso e todas as folhas são colocadas em água morna, para limpeza, onde "repousam" cerca de 10

minutos. Por vezes, são necessários três banhos. Todo processo é feito devagar e delicadamente, dada a fragilidade do material. Depois são colocadas num estendal até secarem. Findo esse tempo vão para uma solução de hidróxido de cálcio para desacidificar o papel. No caso de folhas danificadas são feitas reintegrações com papel japonês. Seguem depois para a prensa onde ficam até estarem completamente secas, depois o livro é novamente montado, colocam-se as folhas e os cadernos pela ordem original. É então enviado para a encadernação de onde sai com um aspecto semelhante ao que teria originalmente.
São necessárias cerca de duas horas para conhecer os bastidores desta instituição, nomeadamente os gabinetes técnicos de descrição, os depósitos, os laboratórios de restauro e reprodução, o serviço educativo e o museu. O Departamento Municipal de Arquivos, do qual faz parte a Casa do Infante, acaba de ver certificados os seus serviços, que funcionam de acordo com a norma internacional para Sistemas de Gestão da Qualidade. Ao longo do ano várias equipas trabalham aqui para preservar a memória da cidade e facilitar o acesso à documentação aos seus leitores. ■